

Ensino superior: não podemos esquecer

» MOZART NEVES RAMOS

Titular da Cátedra Sérgio Henrique Ferreira da USP de Ribeirão Preto e professor emérito da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)



O Brasil, sem dúvida, precisa olhar com mais atenção e prioridade para a educação básica, é preciso colocar numa mesma equação quantidade e qualidade. Isso não é simples. Não se trata apenas de mais dinheiro, mas também de melhor gestão no emprego desse dinheiro, que se traduza na melhoria da aprendizagem dos estudantes e na redução das desigualdades educacionais. Se já eram desafios importantes na agenda educacional, se ampliaram muito no pós-pandemia. Todavia, o Brasil não pode esquecer do ensino superior.

Em geral, quanto mais anos de estudo tiver a população de um país, maior será a sua riqueza, medida pelo percentual do Produto Interno Bruto (PIB) per capita, que se acentua exponencialmente com a qualidade da oferta. Por isso, é importante que o Brasil veja como anda seu ensino superior, que tem muitos problemas a serem resolvidos, tanto na esfera pública, como particular. A seguir destacamos alguns dos desafios tomando como base os dados do Censo do Ensino Superior de 2020:

1) 77% das matrículas estão concentradas no setor particular, que, em números absolutos, correspondem a 6.724.002. Não obstante esse expressivo número, o Brasil tem uma taxa líquida (matrículas de estudantes de 18 a 24 anos, nesse nível de ensino, em relação à população total dessa faixa etária) muito baixa, próximo a 20%; muito abaixo de alguns dos nossos vizinhos, como Argentina, Chile e Uruguai. A meta, de acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE), seria alcançar o

percentual de 33% até 2024, o que infelizmente não ocorrerá;

2) indo para a faixa etária seguinte, de 25 a 34 anos, o percentual da população brasileira com ensino superior é também muito baixo, de apenas 24%; por seu lado, a média da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento (OCDE) é de 46%. No nosso país irmão, Portugal, essa taxa é de 42%;

3) sobram muitas vagas no ensino superior, possivelmente em cursos de baixo interesse social. Essencialmente, tais vagas remanescentes encontram-se no setor particular, mas, na rede federal, são 116 mil vagas, a maioria das quais em cursos presenciais;

4) a entrada no ensino superior se dá majoritariamente pelos cursos a distância (EaD), mas na rede federal ainda é feita por via de cursos presenciais, com 91%;

5) um dado preocupante para a educação básica, considerando-se a baixa qualidade, em geral, da oferta dos cursos a distância: dentre os 10 dos maiores cursos de EaD na rede federal, 7 são no campo da formação de professores — nas diferentes licenciaturas. E a pedagogia é o curso de EaD que recebe o maior número de matrículas, tanto na rede federal como na particular;

6) a taxa de desistência no ensino superior é elevadíssima. De cada 100 ingressantes, 59 desistem. E isso não depende de os cursos serem rede pública ou particular. Na rede federal, a taxa de desistência é de 55%. Além disso, o resultado independe da modalidade, se presencial ou de EaD. Na presencial, a taxa de

desistência é de 58%. Um aspecto interessante é que esse percentual cai muito entre alunos com financiamento público. Entre os alunos que recebem o Financiamento Estudantil (Fies), por exemplo, o percentual de desistência é de 38%;

7) os três cursos de licenciatura com maiores taxas de desistência são física (78%), matemática (70%) e química (69%). Exatamente nas disciplinas que mais têm carência de professores no ensino médio.

Esse quadro também preocupa a maior — e possivelmente a melhor — universidade brasileira, a Universidade de São Paulo (USP). Por isso, o reitor Carlos Gilberto Carlotti criou um grupo de trabalho (GT) para trazer insights para o que ele chama de construindo a educação do futuro. Tive o privilégio de ser convidado pelo magnífico reitor para coordenar esse GT. Uma coisa é certa: a universidade precisa acordar urgentemente para as mudanças que estão acontecendo no mundo o trabalho, impactado por um cenário cada vez mais disruptivo. A universidade vai precisar ouvir, como nunca, seus egressos nas reformas curriculares. Os currículos vão precisar ser mais dinâmicos, e os professores estar preparados para formar seus alunos para o futuro que virá.

Há muita coisa acontecendo fora dos muros das universidades, que hoje já não são mais os únicos nichos produtores de desconhecimento. Ou a universidade percebe isso ou perderá parte de seu prestígio social.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

De costas para a Copa

Ao contrário do que se via em edições passadas, a Copa do Mundo de Futebol, patrocinada por uma Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa) pra lá de enrolada com escândalos de corrupção, não tem merecido, pelo menos por parte dos brasileiros despertos para as agruras atuais do país, a atenção e o apoio que possuía em tempos idos.

Hoje a impressão que fica em muitos é que essa Copa no Catar se transformou num evento “pra lá de Marraquech”, distante no tempo. A maioria dos torcedores que ainda dedicam seu tempo a assistir às disputas do ludopédio internacional, observam esses jogos com um misto de desconfiança e de saudosismo. Desconfiança porque sabem, por meio das redes sociais, como foi construído todo esse palco fake para hospedar os jogos. Segundo consta, mais de cinco mil trabalhadores, vindos de países pobres da Ásia e de outras partes da África, mão de obra, que muito bem poderia ser classificada como escravos modernos, perderam a vida durante a construção das obras para sediar a Copa. Tratavam-se de trabalhadores anônimos e sem importância maior para o evento mundial. Também chegam notícias de que os árabes encheram as malas dos cartolas com milhões de dólares e muitos quilos de ouro para assegurar certas facilidades para esse espetáculo.

Investigar as movimentações suspeitas em mais essa Copa, no país anfitrião, que é reconhecidamente uma ditadura fechada e retrógrada, não avançará um milímetro sequer. No Brasil, até hoje os processos envolvendo a Copa de 2014, que abarrotaram os tribunais de todo o país, também não resultaram em nada. Onde quer que se ande pelas cidades do Brasil ainda é possível ver os gigantescos e abandonados estádios de futebol, construídos com sobrepreço e desvios de toda a ordem, verdadeiros elefantes brancos ou monumentos à corrupção e à impunidade.

São por fatos como esse que o torcedor que, anti-gamente, vestia a camisa do clube, vendo o que ocorre nos bastidores desse esporte, ficou desiludido com o futebol. Felizmente, parte da antiga torcida acordou para as manobras e mutretas que escondem esse esporte. Usado como estratégia ufanista de muitos ditadores, que recorriam ao futebol como meio de iludir e distrair o povo das agruras e violência dia a dia, o futebol perdeu seu colorido.

Agora, em dias de jogos da Seleção Brasileira, mais do que observar a partida, é preciso ficar de olho no que ocorre, ao mesmo tempo, nos bastidores da política. Alguns entendidos nessas manobras alertam para a possibilidade de a final da Copa coincidir com votações de projetos importantes para o país, como aquele que coloca um ponto final na possibilidade de abrir-se processos de impeachment contra autoridades togadas e outros próceres da República. Olho vivo é preciso. Nesta Copa, a melhor posição diante da tevê é ficar de costas para os jogos e com a atenção voltada para dentro do campo político, onde ocorrem os jogos de Estado que nos interessam e que trazem consequências na vida cotidiana de todos.

» A frase que foi pronunciada

“Os caras roubam os clubes, acabam com o dinheiro, e vêm botar a culpa na Lei Pelé.”

Pelé

Invasão

» De repente o telefone toca. O Bina aponta para o 6121029522. Uma gravação avisa que um novo cartão está disponível e começa a arrancar alguns dados de quem tem paciência e ingenuidade para ouvir.

Manutenção

» Na 706 Norte uma pessoa caiu de uma escada em um buraco de dois metros. Com as chuvas, o GDF deve criar um canal com a comunidade para saber o estado de conservação das obras que empreende. Todos sairiam ganhando, menos quem não prestou o serviço a contento.

Arte

» Autêntico flamenco pela Ópera Real de Madri&Fever. Programação interessante para quem aprecia a música e dança espanhola. Veja os detalhes no Blog do Ari Cunha, antes que os ingressos acabem.

Rapidez e resultado

» Petróleo que vale é o petróleo fora das reservas. A riqueza de Dubai vem da rapidez com que é extraído. Se o preço internacional sobe, a Arábia Saudita produz mais e baixa o preço. O Petróleo é nosso e não vai valer mais nada em algumas décadas. Agora é a hora de extrair para investir em saúde e educação. A sugestão é do ministro Paulo Guedes.

» História de Brasília

É lamentável que o plano educacional de Brasília, em toda a sua plenitude, não seja seguido, mas já que está assim, ninguém pode deixar ir tudo por água abaixo. É preciso haver uma solução, e esta, pelo menos, foi apresentada. (Publicada em 13/3/1962)

Uma questão de pele

» ANDRÉ MOREIRA

Dermatologista formado em medicina pela Universidade Federal de Goiás (UFG), é membro da Skin of Color Society

Por quantos médicos pretos você já foi atendido? Na maioria das vezes a resposta para essa pergunta será um número bem pequeno ou mesmo zero. Segundo estudo da UFRJ de 2010, os médicos pretos correspondiam a menos de 20% de uma população de profissionais de saúde com cargo público. Nos Estados Unidos (EUA), um levantamento feito em 2018 não demonstra situação diferente. Numa população em que 13% das pessoas são pretas, apenas 5,8% dos médicos também o são. Quando olhamos especificadamente para dermatologia, a percepção desse cenário é a mesma, apenas 3% dos dermatologistas nos EUA eram negros segundo levantamento de 2016.

O impacto desse quadro está exposto diariamente com as sutilezas de um racismo estrutural que permeia nossa comunidade. Exemplo recente é a onda de cirurgias e procedimentos para o nariz parecer mais fino. Até o uso da medicação isotretinoína, cuja indicação clássica é o tratamento da acne, foi divulgado em redes sociais através de argumentos sem embasamento científico claro para o fim. A pergunta que fica é: a quem atende esse padrão estético?

Além de não termos número expressivo de médicos pretos, a presença de imagens com pele preta nos livros de dermatologia ainda é ínfima. Segundo estudo de 2020 publicado na revista da Academia Americana de Dermatologia, apenas 3,9% das imagens dos principais livros de dermatologia representam doenças de pele de pessoas pretas. Quando pensamos que a formação de novos dermatologistas no

Brasil se dá principalmente em instituições do Sistema Único de Saúde (SUS), o problema persiste. Segundo o manual de Política Nacional de Saúde Integral da População Negra de 2017, “a proporção de pessoas que consultaram um médico nos últimos 12 meses é maior entre as pessoas brancas (74,8%) do que entre pretas (69,5%) e pardas (67,8%). Assim, as pessoas negras (pretos e pardos) ficam abaixo da média nacional, que é 71,2% (142,8 milhões), de pessoas que consultaram um médico nos últimos 12 meses. Se “o que não é visto não é lembrado”, percebemos aqui que o problema do acesso da população preta aos serviços de saúde impacta o conhecimento das condições de pele, o que pode ter impacto na formação de novos dermatologistas.

Estudo australiano feito com 136 dermatologistas daquele país mostrou que 80% deles gostaria de mais treinamento em peles não brancas e 75% não se sentiam totalmente confiantes para lidar com problemas cosméticos comuns dessa população. Outro estudo norte-americano mostrou que 95% dos 151 médicos da atenção básica conversam com mulheres negras sobre a prática de atividade física, porém 76% deles não incluem a questão dos cuidados capilares nessa mesma conversa. É sabido o impacto negativo que a manutenção dos penteados das mulheres afro-americanas causa na prática de exercício. Muitas se privam da atividade física para evitar que tranças e outros penteados precisem ser reestilizados com frequência, mas apenas 34% dos médicos entrevistados se sentiam confortáveis para discutir

o tópico com as pacientes.

Apesar do cenário não favorável à nossa comunidade, os nossos esforços contínuos têm trazido avanços. Atualmente a Skin of Color Society, nos EUA, é a maior sociedade agregadora de profissionais que estudam e cuidam da pele preta e cresce com a inclusão de novos membros e participação efetiva em eventos que moldam a dermatologia atual. A indústria tem percebido o poder do black money e (ainda que de maneira tímida na maioria dos casos) criando produtos que atendem uma demanda para tons de pele não brancos que, por incrível que pareça, são o da maioria da população do nosso país. Dermatologistas e outros profissionais da saúde pretos estão criando espaços para que a nossa comunidade seja acolhida de maneira integral, porque, afinal, todos merecem ser cuidados e olhados de maneira individual e participando efetivamente da formação de novos médicos para ampliar o conhecimento e estimular a pesquisa em cuidados com a saúde da população de pele não branca. Porém, mais ainda precisa ser feito. E esse mais começa individualmente. “Não basta não ser racista, precisamos ser antirracistas”.

O manual de Política Nacional de Saúde Integral da População Negra ainda nos traz a informação de que “37,8% da população adulta preta ou parda avaliaram sua saúde como regular, ruim ou muito ruim, contra 29,7% da população branca”. Enquanto a dor tiver cor, ainda teremos esses abismos que excluem a população preta de saúde de qualidade, dentro e fora da pele.